

“Uma história monstruosa”: a presença do homoerotismo na obra de José Lins do Rego

Doutorando José Vilian MANGUEIRA
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Resumo:

Esse trabalho oferece uma nova possibilidade de leitura da obra de José Lins do Rego, destacando a presença de personagens homossexuais em diferentes romances do escritor paraibano. Sua intenção é chamar atenção para o modo como o sujeito gay – masculino e feminino – é concebido dentro de um universo literário marcado pela masculinidade hegemônica. Para isso, focaliza suas análises em quatro romances: Doidinho, Água-mãe, Riacho doce e Usina; mas refere-se, também, a duas outras obras – Cangaceiros e Pedra bonita. Nos primeiros quatro romances, os personagens homoeróticos assumem papel de destaque na trama, sendo ou protagonistas ou personagens relevantes. No segundo caso, eles se constituem personagens alusão, sem grande destaque na narrativa. Na totalidade das obras, os sujeitos homoeróticos representam uma faceta da criação artística de José Lins que foi esquecida pela crítica.

Palavras-chave: José Lins do Rego, Homoerotismo, Romance de 30, Gênero.

No que se refere aos estudos de gênero, para a maioria dos críticos, a obra de José Lins do Rego se resume à exploração de gênero levando-se em conta apenas o binômio heterossexual homem-mulher. Mas os romances desse escritor também exploram categorias de gênero consideradas não hegemônicas: a relação homem-homem e mulher-mulher. Como a crítica costuma dá destaque à focalização do sistema patriarcal que se sobressai nos textos do autor, personagens com práticas homoeróticas são negligenciados pelos que se debruçam sobre a literatura de José Lins do Rego. O que se pretende com esse trabalho é oferecer uma nova possibilidade de leitura da obra do escritor, destacando a presença de personagens homossexuais em diferentes romances do paraibano. Nossa intenção é chamar atenção para o modo como o sujeito homossexual – masculino e feminino – é concebido dentro de um universo literário marcado pela masculinidade hegemônica. Assim sendo, focalizamos nossas análises em quatro romances: *Doidinho* (1933), *Usina* (1936), *Riacho doce* (1939) e *Água-mãe* (1941); mas fazendo, também, referências a duas outras obras – *Pedra bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953). Seguindo a linha cronológica de publicação dos romances, procuramos investigar a representação da figura do homossexual – masculino e feminino – dentro dos romances, tomando como base as materialidades textuais, para traçarmos um perfil da configuração desse tipo de personagem na obra de um escritor que deu destaque à ficcionalização de um sistema social que primava pelo modelo heterossexual vigente.

O primeiro romance selecionado para esta análise, *Doidinho*, de 1933, tem como cenário um colégio interno onde estuda o personagem José Carlos de Melo. Contado em primeira pessoa, o livro mostra as angústias, descobertas e desejos de um ex-menino de engenho em seu convívio com outros garotos em uma instituição de ensino na cidade de Itabaiana. *Doidinho* traz uma focalização explícita da relação homo-afetiva entre dois jovens do Instituto Nossa Senhora do Carmo: Manuel Mendonça e Clóvis. Essa relação é filtrada pelo olhar do narrador-personagem, Doidinho, que não gosta de um dos colegas, Mendonça. É graças a este ponto de vista narrativo que a relação dos garotos será vista como um ato que foge à regra do instituto e como uma exploração do menino mais velho sobre o mais jovem.

Mendonça e Clóvis se diferenciam quanto à idade, ao comportamento e aos bens materiais. Manuel Mendonça é identificado pelo narrador como espécie de agente provocador das punições do professor Maciel, dado ao seu caráter de encrenqueiro. Não é explicitada a idade real de Mendonça, mas sabe-se que ele é um aluno já adiantado nos estudos. Ele vem de uma família mais humilde, seu

pai é um marchante de gado, e possui um comportamento avaro – daí seu apelido de Pão-duro. Já Clóvis, de apenas dez anos, é visto como um jovem abastado e de comportamento refinado. Ainda em contraste com seu par, Clóvis costumava dividir o que possuía com os outros colegas, ganhando a simpatia de todos. A fala do pai do jovem parece resumir o caráter do filho: “É uma criança muito débil [...] É muito dócil” (REGO, 2004, p. 118). A ligação entre os dois alunos ocorre por intermédio do mais velho que se aproxima do recém-chegado. O narrador-personagem nota que Manuel Mendonça, diferente de todos os outros colegas de internato, se aproxima de Clóvis não com intenções de fazer o novo aluno se enturmar com os já antigos, mas com finalidade de conotações sexuais.

A relação homo-afetiva entre os dois internos se estreita à medida que o tempo vai passando, o que faz com que o narrador identifique na amizade dos dois jovens uma relação de namoro. Em certos momentos, Manuel e Clóvis externam carícias diante dos outros alunos, embora elas sejam sempre camufladas como atitudes de cuidado ou de brincadeira. É o que ocorre, por exemplo, durante os intervalos das aulas ou durante as tarefas pessoais dos alunos. O mesmo tipo de comportamento considerado inapropriado entre os dois alunos acontece durante os banhos comunitários no rio.

Embora as práticas homossexuais fossem proibidas no internato e todos os outros alunos suspeitassem do “namoro” dos dois jovens, nenhum deles denunciava o comportamento dos dois ao diretor da instituição. As razões para isso não ficam explícitas na narrativa, mas elas podem ser inferidas através das atitudes do narrador Carlos de Melo em relação aos dois jovens. Primeiro, Carlos, assim como a maioria dos alunos, odeia Mendonça e denunciá-lo sem provas concretas seria um erro, pois espantaria um possível flagrante. O que quer o narrador é ver o colega indesejável ser pego em atitude que não lhe daria chances de se defender. Ainda, como Manuel Mendonça rouba de Carlos a companhia do jovem Clóvis, o que mais anseia o protagonista é encontrar uma maneira incontestável de denunciar o relacionamento dos dois e deixar Clóvis livre para outras amizades. A suspeita do relacionamento homo-afetivo dos dois jovens cresce de tal forma que chega ao corpo da instituição. O primeiro membro do corpo da escola que desconfia de que há algo mais que amizade entre os dois alunos é o velho Coelho, espécie de supervisor dos alunos. Ao perceber a constante ligação entre os jovens, Coelho comenta que: “Aquilo está me cheirando a frescura” (REGO, 2004, p. 139). Como já havia se formado uma atitude de suspeita e de espreita quanto aos dois jovens, não tarda a eles serem pegos durante um dos seus encontros noturnos.

O flagrante ocorre e os dois colegas são separados, ficando proibidos de falarem um com o outro. A descoberta da relação homoerótica dos dois alunos provoca no dono da instituição, o senhor Maciel, a certeza de que a sua escola como um todo estaria estigmatizada: “Desmoralizaram-me o colégio” (REGO, 2004, p. 140). Assim, o ato é visto como um insulto de grandes proporções para o estabelecimento de ensino. Como a falta dos dois jovens tem o peso de manchar a imagem do internato e como todos os alunos nutrem um sentimento de raiva em relação a Manuel Mendonça, é dado aos colegas o direito de agredirem verbalmente os jovens: “Cadê Maricota? Vão casar amarrados” (REGO, 2004, p. 140). O narrador, em sua atitude de identificação com Clóvis, reconhece apenas em Mendonça a culpa pela transgressão e isenta o outro de qualquer responsabilidade: “Mas que culpa podia haver naqueles dez anos de sua vida?” (REGO, 2004, p. 140). A mesma ideia é identificada na fala da esposa do dono do internato: “O pequeno não tem culpa. É preciso somente vigiar o grande” (REGO, 2004, p. 140). Assim, Manuel Mendonça é nomeado explicitamente como homossexual: “Pão-Duro, sim, que era um safado, um somítico” (REGO, 2004, p. 140).

É interessante notar que o mesmo aluno que denuncia o relacionamento de Manuel Mendonça e Clóvis vai, tempos depois, se aproximar do jovem Clóvis com as mesmas intenções que mostrava Mendonça. Mas o dono do instituto, sabendo das relações que se travaram entre Mendonça e o jovem, “abria os olhos e os ouvidos para o chamego deles [...] E antes que houvesse um caso, separaram a cama dos dois” (REGO, 2004, p. 194). Ao que parece, a beleza, a fragilidade e submissão de Clóvis são os responsáveis por despertar nos alunos mais velhos uma atração

homoerótica.

O romance *Usina*, de 1936, apresenta, em sua primeira parte, o relacionamento homoerótico de Ricardo e Seu Manuel, durante o tempo em que o negro Ricardo ficou preso em Fernando de Noronha. Todo o relacionamento dos dois presos é filtrado pelo narrador através da ótica do personagem Ricardo. Como ele não possui anteriormente, ao contrário de Manuel, um comportamento homo-afetivo, este personagem concebe a ligação entre dois homens como decorrente de circunstâncias que isolam homens do convívio sexual com mulheres. Dentro deste ambiente, a norma heterossexual parece ser esquecida; embora o comportamento homossexual não pareça ser aceito abertamente, uma vez que ele é descrito como “amores irregulares” (REGO, 2002, p. 43). Segundo a visão de Ricardo, as ligações homoeróticas existem apenas como uma modalidade de satisfação do corpo durante um período de distância do sexo feminino.

Como o negro Ricardo não se sente completamente à vontade na ligação homo-afetiva, ele procura levantar argumentos que justifiquem o comportamento homossexual. De início, ele reconhece que há uma conduta homoerótica entre os meninos dos engenhos, mas essas práticas não teriam continuidade na vida adulta. Elas seriam apenas consequências das descobertas sexuais dos adolescentes. Mas ele também reconhece que, entre os seus conhecidos, existe o homem que dá continuidade às relações homoeróticas depois de passar pela adolescência. É o que ocorre com o beato Mané Pereira.

O caso de Mané Pereira é conhecido por todos os moradores do engenho Santa Rosa, de onde Ricardo vem, vivendo este sempre com “um moleque fornido, morando em sua casa. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos” (REGO, 2002, p. 44). Apesar de ter seus relacionamentos homo-afetivos sempre comentados por todos da região e de suas práticas sexuais não serem aceitas abertamente, Mané Pereira não sofre nenhum tipo de agressão direta – sejam elas físicas ou verbais – dos outros moradores. A ligação com o sagrado, Nossa Senhora do Rosário, dá ao negro respeito diante dos outros: “na frente do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam o coitado, não lhe diziam nada que não fosse de maior consideração. E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam” (REGO, 2002, p. 44). Até mesmo uma outra parcela social tão marginalizada quanto o homossexual, as prostitutas, tinha respeito pelo negro: “Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente” (REGO, 2002, p. 44). Mas a forma como o narrador se refere ao homossexual – “coitado” – deixa claro que há um preconceito velado diante das práticas sexuais do personagem. Também, ao aproximar Mané das prostitutas, o narrado deixa claro que as relações do beato com outros homens se baseiam em trocas financeiras.

A identificação do personagem como homossexual se completa no momento que o narrador o qualifica usando a palavra que, na época, caracterizava o homem de comportamento sexual que fugia à normatividade heterossexual: “Aquela opa até os joelhos, aquela coroa de santa dentro do prato com rosas davam ao **sodomita** um prestígio de sacerdote” (REGO, 2002, p. 44) (grifo nosso); e quando descreve o andar do personagem ressaltando a forma descontraída de seu corpo: “E lá ia ele de **andar sacudido**, com a opa vermelha e a cabeça descoberta” (REGO, 2002, p. 44) (grifos nossos). Nessas relações homoeróticas destacadas por Ricardo, há uma identificação apenas do homossexual passivo, como Mané Pereira. De modo algum, seja através da voz do narrador ou do próprio Ricardo, é identificado nos companheiros de Mané um comportamento homossexual. Ao que parece, como é comum ainda hoje, a parte ativa não ganha rótulo algum. Ainda, como fica claro na descrição do personagem Mané Pereira, que possui um “andar sacudido” (REGO, 2002, p. 44), não é só a prática sexual que identifica o comportamento gay, mas também seus trejeitos femininos. Tanto no engenho quando na prisão de Fernando de Noronha, os gays são identificados como “homens-mulheres” (REGO, 2002, p. 45). Na lógica de Ricardo, que representa o pensamento de seus conhecidos, quem realmente é identificado com o *ethos* homossexual, dentro da prisão de Fernando de Noronha, é o cozinheiro Manuel, uma vez que, de início, o cozinheiro tem uma relação com o médico da prisão e, depois, passa a procurar Ricardo.

Apesar de sentir-se envergonhado, Ricardo demonstra total entrega ao que Seu Manuel lhe

oferece, chegando a comparar o carinho dele com outras formas de relacionamento heterossexual que Ricardo teve com sua primeira paixão, Isaura, e com sua esposa morta, Odete. Ao mesmo tempo em que demonstra sentir-se atraído por Manuel, ele sente-se envolto em um relacionamento que lhe causa nojo. Essa atitude que mescla sentimentos dúbios diante das coisas é uma característica do personagem Ricardo e o acompanha em toda a sua trajetória no romance. Essa dubiedade não diz respeito apenas ao relacionamento que o personagem mantém com Manuel. Na verdade, o que marca a ligação homoerótica de Ricardo com Manuel é o carinho que este demonstra por Ricardo e o tratamento de respeito que o negro tem pelo companheiro. Quando Ricardo está se despedindo de Manuel, para voltar para o Recife, vemos que aquele reconhece em Ricardo o único homem que o tratou com respeito e carinho: “Até ali só encontrara um que fora bom para ele. [...] Só Ricardo era bom, dera-se com o gênio dele, sabia entender o seu coração” (REGO, 2002, p. 60).

Via discurso indireto-livre, o narrador mostra o que significa o relacionamento entre Ricardo e Manuel, fazendo com que o negro identifique no cozinheiro um tipo de amor que não foi possível encontrar em outros relacionamentos heterossexuais: “Um amor mais feroz do que o de Isaura na hora boa, mais pegajento do que o de Odete” (REGO, 2002, p. 58). Ricardo, também, enxerga em Manuel a junção de duas figuras femininas que lhe proporcionaram sentimentos sublimes e prazer sexual– mãe e prostituta: “[Manuel] Vinha com aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga, tão bom, tão carinhoso que ele se perdia outra vez, entregando-se a tudo que viesse, até o fim” (REGO, 2002, p. 52). Diante da identificação constante de Manuel com as figuras de mulheres que marcaram a vivência de Ricardo, fica a certeza de que o cozinheiro assume o papel de passividade no ato sexual, configurando-se, assim, dentro da lógica preconceituosa de Ricardo, como o “sodomita”.

À medida que se estreita a proximidade entre os dois presos, dá-se o reconhecimento de que o relacionamento homo-afetivo deles era algo fixo e não mais um encontro casual. Primeiramente, é o próprio Ricardo que reconhece que ele vive “de grande, naquela sem-vergonhice, com um homem como mulher no quarto, passando bem, comendo do melhor que se comia na ilha” (REGO, 2002, p. 55). Depois são seus colegas de prisão que identificam nos dois um casal: “Na ilha todo mundo sabia da coisa. Olhavam para eles dois como marido e mulher” (REGO, 2002, p. 43).

Embora esta primeira parte do romance tenha como foco narrativo a visão de Ricardo, o narrador conduz a história diretamente através da mente de diferentes personagens, valendo-se do discurso indireto-livre. Graças a esse processo narrativo, é possível percebermos um posicionamento do cozinheiro Manuel quanto ao seu relacionamento com Ricardo. Na visão de Seu Manuel, seu comportamento homossexual é visto como um castigo: “[Ele] Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava [...] melhor tudo o que fosse pior na vida do que precisar um homem de outro como ele” (REGO, 2002, p. 59). Embora os dois tenham consciência de que o comportamento homossexual seja algo que traga nojo, no caso de Ricardo, ou seja visto como um castigo, no caso de Manuel, os dois não conseguem se desligar um do outro por vontade própria. O sentimento que se cria entre eles é tão forte que Ricardo, quando percebe que Seu Manuel sente-se triste com a partida do negro para Recife, cogita na possibilidade de não deixar a prisão, para ficar com o companheiro. Essa atitude de negar a liberdade seria justificada porque Ricardo reconhece que

Gostava do outro, nunca ninguém fora assim dele, fizera dele tudo no mundo. Seu Manuel era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado. Quem o amara assim? Mãe Avelina, Isaura, Guiomar, Odete? Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel (REGO, 2002, p. 61).

Já em liberdade, Ricardo demonstra sentir saudades do companheiro Manuel e, ao que parece, ele gostaria que fosse possível manter o mesmo tipo de ligação amorosa que teve em Fernando de Noronha fora do espaço da prisão. Mas ele reconhece também que, se lá o amor homossexual era possível, no espaço da liberdade ele não poderia acontecer. Fora de Fernando de Noronha Ricardo

acaba digerindo melhor os seus sentimentos por Manuel e reconhece que no cozinheiro encontrou alguém que o amava de verdade. Esse reconhecimento da forte ligação com Manuel acompanha Ricardo mesmo depois de ele deixar Recife para voltar a residir junto com sua mãe e irmãos, na várzea do rio Paraíba. Ao lado da família, é de Seu Manuel que Ricardo recorda, nos momentos de solidão: “Parecia coisa absurda pensar naquilo. Um homem precisando de outro para certas coisas [...] Lembrava-se mais dele do que de Isaura [...] Nunca mais viu uma amizade que fosse escrava de outra como aquela. Nunca mais que uma pessoa lhe quisesse tanto bem, lhe fosse tão dedicado” (REGO, 2002, p. 155). A falta de Manuel é aplacada quando Ricardo entra novamente em outro relacionamento homossexual com uma moradora do lugar em que mora o rapaz.

Nos dois romances que se seguem são exploradas as ligações homo-afetivas entre mulheres. *Riacho Doce*, de 1939, como ocorre com outras obras do escritor, está dividido em partes: *Ester*, *Riacho Doce* e *Nô*. Ele tem como foco principal a personagem Eduarda, ou Edna, uma suíça que vem com o marido tentar uma nova vida no Brasil. A primeira parte do livro focaliza a infância, a adolescência e o início do casamento de Edna na Suíça. Aqui é explorada, principalmente, a relação da protagonista com sua professora Ester. Esta parte do livro mostra Edna diante de um ambiente que lhe causa hostilidade. É neste ambiente de hostil e de desejo latente que nasce a relação de transferência entre Edna e sua professora Ester. A relação Edna e Ester começa quando a protagonista tinha doze anos e atinge o auge quando ela completa quinze anos de idade.

Vinda de uma cidade grande – Estocolmo – para trabalhar em um burgo, a professora Ester atrai Edna, primeiramente, pelo diferencial dos cabelos. A visão da cabeleira da professora provoca na aluna “a primeira impressão de beleza real que Edna sentira fortemente em sua vida” (REGO, 2003, p. 38). Metonimizado nos cabelos, Ester aproxima Edna de um mundo de fantasia criado a partir das histórias contadas pela própria mãe da protagonista, simbolizado na boneca da amiga Norma, que viera de uma terra distante, a Espanha. Ester, com seu cabelo exótico, personifica esse mundo distante, aproximando Edna dos seus sonhos de menina e de sua busca incessante pelo prazer, que caracteriza a personagem ao longo de todo o romance.

De origem hebraica, o nome Edna significa “renovador” e tem ligação com o topônimo Éden, que, por sua vez, significa o lugar do prazer. Ao se debruçarem sobre o nome Edna, Milton Marques e Elizabeth Marinheiro, em *O ser e o fazer na obra ficcional de José Lins do Rego*, apontam a relação existente entre o nome da protagonista e a necessidade que ela apresenta de buscar algo para a sua própria satisfação: “Sendo infiel ao seu nome, Edna vai em busca desse prazer, de regozijar-se com a liberdade do amor, mas as pressões e os preconceitos que encontra pelo caminho são sempre mais fortes” (1990, p. 141). A primeira tentativa de Edna conseguir prazer em algo é identificada na professora Ester, pois a primeira referência ao paraíso, ou ao lugar do prazer, que o romance apresenta é associada à figura da professora Ester: “Edna só pensava nela [Ester]. Dormia, e os seus sonhos eram do paraíso, com aqueles cabelos pretos até a cintura, cabelos compridos e quentes, de gente viva” (REGO, 2003, p. 41).

Em um segundo momento, Edna estende o seu desejo para outras características físicas da professora: “Vinha um cheiro bom do corpo, do hálito de Ester quando ela falava com ela” (REGO, 2003, p. 41). Em uma gradação, a amizade das duas vai se estreitando e Edna sente-se possuidora da professora. O sentimento de posse dá lugar ao de amor quando, num discurso indireto-livre, Edna confessa amar somente a professora: “E só a ela era que amava no mundo. Só a ela, só à mestra de cabelos pretos ela amava” (REGO, 2003, p. 42).

Quando a professora viaja de férias e Edna sente-se privada de seu objeto amado, a atração que Ester exerce sobre ela é transferida para a boneca de Norma, a Espanhola. Dois fatores contribuem para essa transferência de alvo do objeto desejado: primeiro a cor do cabelo da boneca, que, assim como o de Ester, é preto; segundo, o fato de a boneca encontrar-se fisicamente distante de Edna, como também está Ester durante as férias. É nesse jogo de identificação que Edna, sabendo-se impossibilitada de trazer Ester para junto de si, procura uma maneira de ter a boneca de Norma só para si. E assim, na sua imaginação ainda infantil, Edna cria para a Espanhola a imagem de uma princesa encarcerada que necessita ser salva. Nessa ficcionalização de um desejo maior,

Edna incorpora a figura do masculino: “Sua mãe contava histórias de príncipes que arrebatavam correntes, salvavam princesas das torres, das masmorras. A Espanhola precisava de um príncipe assim. Ela seria este príncipe” (REGO, 2003, p. 49).

O roubo da boneca, na concepção de Edna, seria visto por Ester como um ato de bravura, que mereceria louros. Entende-se que a vontade da protagonista não é a de libertar a boneca da escuridão onde Norma a guarda, mas ter seu ato reconhecido pela pessoa a quem ama. Mas, contrariando a sua expectativa, Ester não reconhece na atitude de Edna um ato que mereça destaque. A professora acaba criticando a aluna pelo seu ato. Edna vê-se frustrada e resolve devolver a Espanhola a Norma. A devolução da boneca simboliza a impossibilidade de ter o que ama e deseja, fato que a protagonista terá de encarar ao longo de todo o romance.

A intensificação dos vínculos homo-afetivos entre Edna e Ester é mostrada quando o narrador focaliza o contato entre as duas durante as noites que dormem juntas. Estes momentos são sempre focalizados pela ótica de Edna. Na primeira noite que dormiu na casa da professora, Edna é invadida por uma torrente de sensações. As reticências que aparecem no trecho abaixo indicam a intensidade da sensação de prazer de Edna, que não consegue se expressar completamente, pois não encontra palavras para isso:

Dormir, para ela, era coisa que fazia à toa. Ao lado de Ester, era mais gostoso, mais leve. Era como se estivesse acordada e sentisse as coisas do outro mundo. Debaixo dos cobertores, com um frio intenso lá fora, e Ester juntinho dela, de cabelos soltos, de cabelos negros e soltos como uma touceira de rosas cheirando... E o corpo e a presença de Ester... Era feliz, era grande (REGO, 2003, p. 68).

Mas a viagem que faz com a professora até Estocolmo quebra com todo o encanto de relação amorosa que a aluna nutre pela mestra. Lá, Edna encontra o seu único rival: Roberto, um amigo e ex-namorado de Ester. Quando vai a um concerto na companhia de Ester e de seu amigo Roberto, Edna sente-se distanciada da professora. Primeiro, Roberto separa as duas fisicamente, ao sentar-se entre ela e Ester. Depois, os dois amigos se engajam em uma conversa que acaba excluindo Edna do assunto e isso faz com que a aluna sinta-se “roubada com aquela conversa” (REGO, 2003, p. 76). Por fim, Roberto segura a mão de Ester durante a segunda parte do concerto, provocando em Edna um sentimento de ciúme. A angústia de ver a amiga roubada de si faz com que Edna, já em casa, ponha para fora toda a sua dor em forma de um choro alto, de um “pranto impetuoso” (REGO, 2003, p. 78). Já na volta para o burgo, ainda no trem, Ester fala com Edna sobre Roberto. Ao ouvir sobre o amigo da professora, o narrador comenta que “Cada palavra de Ester se enterrava em Edna como cravo furando a sua carne” (REGO, 2003, p. 79). Diante da certeza de que a professora amava o amigo, Edna converte os momentos que teve ao lado de Ester em demonstrações de afeto da professora para o amigo ausente.

A viagem das duas até a capital faz surgir nos conhecidos de Edna uma suspeita sobre os vínculos de amizade que as ligam. Primeiro, o povo do burgo não vê com bons olhos a relação que se cria entre a professora e Edna. A sua avó Elba é a pessoa mais próxima a Edna que questiona a ligação das duas. A mãe de Norma também demonstra que não seria bom uma estranha ficar tão próxima de uma menina. Mas a figura que representa toda a antipatia dos concidadãos de Edna é o pastor Schmidt. É ele que vai falar diretamente com o pai da protagonista sobre a ligação dela com Ester. Ele, como representante religioso do lugar, fala em nome de um grupo que se incomoda com o relacionamento íntimo das duas. Diante da pressão que vem de fora, “O povo de Edna não queria mais que a filha mantivesse relações tão estreitas com a professora. [...] Era o fim de tudo” (REGO, 2003, p. 84). A possibilidade de se afastar completamente de Ester provoca em Edna a sensação de que está condenada à morte. Esta sensação se agrava quando ela pensa sobre a relação de Ester e Roberto.

Dois fatores contribuem para a tentativa de suicídio de Edna. Primeiro, a iminência que teria que se distanciar da professora, provocada pelos falatórios das pessoas e pelo endurecimento de seus pais em relação à sua ligação com Ester. Depois, o que parece o golpe fatal, a carta de Roberto

que Edna intercepta. A carta de Roberto para Ester falava “de muita coisa, de uma vida que tinham vivido, de amor que ele pensava morto mas não estava” (REGO, 2003, p. 87). De tudo, o trecho que mais deixa Edna transtornada é o que insinua uma noite que Roberto e Ester dormiram juntos. Depois da leitura da carta, Edna sente-se fulminada. A jovem é tomada por “Uma dor profunda, um desespero imenso” (REGO, 2003, p. 87). A única alternativa que encontra para todo o acúmulo de certezas de que não poderia mais ficar junto de Ester é a morte. Embora não morra fisicamente, Edna mata o desejo homoerótico que a liga a Ester, uma vez que, depois de recuperar-se do ferimento provocado pelo tiro, a protagonista liga-se a um homem e com ele se casa. Anos mais tarde, novamente numa busca pelo prazer, ela se envolve com outro homem.

O último romance escolhido para esta análise, *Água-mãe*, de 1941, focaliza as conexões de três núcleos familiares, tendo como *setting* a lagoa azul de Araruama, na região de Cabo Frio, Rio de Janeiro. Essas três famílias descrevem um quadro que representa os três definidos segmentos sociais que compõem uma determinada região: abastados – os Mafra; os de condições sociais medianas – os donos da salina Maravilha; e os pobres – a família do Cabo Candinho. É da relação entre as famílias Mafra e a da Maravilha que surge uma ligação afetiva homossexual. As jovens, Lúcia e Helena, desenvolvem um relacionamento que acaba chocando os que estão próximos delas.

Tão logo a família Mafra se estabelece na casa azul, bem em frente à lagoa, D. Mocinha, a dona da salina Maravilha, teme o contato de suas filhas, Lúcia e Laura, com as vizinhas de comportamento moderno. Das duas filhas que tem, é de Lúcia que D. Mocinha mais teme, uma vez que esta já demonstra possuir um espírito mais dado a novidades, “cheia de sonhos, de revista de artista de cinema” (REGO, 1993, p. 66). Todo o medo da matriarca da família se fundamenta no comportamento diferenciado das filhas de Mafra.

Demora um ano para que Lúcia comece uma amizade sólida com Helena. De início, é a vida ostensiva da família Mafra que chama a atenção de Lúcia: “E Lúcia só falava nas grandezas que vira, na riqueza da casa, na elegância das moças e na distinção de tudo” (REGO, 1993, p. 97). Mas o que ganha realmente a filha de D. Mocinha é a companhia da moça rica. A ligação entre as duas não acontece apenas no espaço da Casa Azul, junto à lagoa, mas se estende a outros espaços frequentados por Helena, como a cidade do Rio de Janeiro.

A ligação entre as duas jovens influencia não somente Lúcia, mas também exerce sobre Helena uma mudança significativa. Se Lúcia deixa o espaço da casa da mãe para se juntar a Helena, esta acaba mudando o seu comportamento à medida que a amizade com Lúcia vai se estabelecendo: ela perde o comportamento festivo e desregrado que tinha. Na visão limitada de D. Mocinha, esse comportamento de Helena é provocado pelo noivado com Marcos. Mas, na verdade, é a ligação com Lúcia que faz Helena se portar mais calmamente. A relação das duas não é abertamente homoerótica porque ainda há a presença do noivo de Helena. Mas, à medida que Lúcia se afasta de casa, ela se entrega totalmente à amizade de Helena: “Naquela noite Lúcia não veio dormir em casa e na segunda-feira de manhã, partiu outra vez com Helena para o Rio. E ninguém na Maravilha falava mais em Lúcia” (REGO, 1993, p. 156). Até a saída de casa e seu estabelecimento em uma pensão no bairro das Laranjeiras, a amizade das duas moças é vista sob o ponto de vista ingênuo de D. Mocinha.

A segunda pessoa que interpreta a ligação das duas é a mãe de Helena. De início, D. Luísa focaliza a frieza de Helena em relação ao noivo, Marcos, e depois a aproximação que se trava entre sua filha e Lúcia. O que se percebe do discurso indireto-livre usado pelo narrador é a certeza de que Helena muda de comportamento à medida que estreita relações com Lúcia. É através dos pensamentos de D. Luísa, arrancados pelo narrador, que aparece, pela primeira vez, o discurso de repreensão e julgamento do relacionamento de Lúcia e Helena: “E começavam os falatórios, descobriam intenções outras naquela amizade. Ficou um caso de comentários. Aquela amizade de Helena e Lúcia dava nas vistas” (REGO, 1993, p. 164). É também via pensamentos da mãe de Helena que o leitor toma conhecimento da estreiteza da relação das duas, que, agora, mesmo que de forma dissimulada, passam a morar juntas.

À medida que a proximidade das duas se estreitava, “os boatos cresciam” (REGO, 1993, p.

164). Assim, o narrador sai dos pensamentos das duas mães para a voz coletiva que começa a interpretar a ligação das duas moças. A forma como elas são atacadas pelos falatórios acaba perturbando a vida das duas: sentem-se constrangidas diante dos olhos dos outros; o noivado de Helena entra em crise; e as duas acabam indo passar uma temporada na fazenda de um tio de Helena. A viagem para a fazenda se desdobra, como mostra a mãe de Lúcia, em uma estadia de dois meses em São Paulo. E, depois disso, o noivado de Helena com Marcos acaba. Mesmo com todo o burburinho que é levantado pelos conhecidos da família, D. Luísa não demonstra hostilidade em relação a Lúcia, pelo contrário, ela “criara uma afeição especial pela amiga da filha” (REGO, 1993, p. 164). Assim, a mãe de Helena demonstra aceitar a ligação homo-afetiva que une as duas jovens. Mas a notícia do fim do noivado de Helena traz para a família de Lúcia a certeza de que a relação das duas é algo maior que uma amizade entre moças. É o irmão de Lúcia, Luís, que traz a verdadeira relação das duas para o conhecimento de todos. Mas, em nenhum momento, os personagens mencionam via discurso direto o tipo de relação que as duas moças mantêm. Nem mesmo o narrador ousa nomear que tipo de ligação as duas têm. O que se percebe é que a relação homo-afetiva que se cria entre Lúcia e Helena é tão absurda de aceitação, na ótica da família de Lúcia, que até mesmo dá nome a ela é algo impensável.

Ainda numa busca de fugir do falatório, uma nova viagem é feita pelas amigas. Elas vão passar três meses na Argentina. Analisando a sequência de viagens que as duas fazem, percebe-se que as jovens buscam espaços cada vez mais distantes dos que as conhecem. Primeiro vão a uma fazenda em Campos do Jordão, região ainda próxima aos dois espaços onde seus conhecidos, amigos e familiares estão – Cabo Frio e Rio de Janeiro. Depois, deixam o Estado do Rio e vão até São Paulo. E, numa espacialidade mais longínqua, chegam até a Argentina. Há também, um crescente no período em que elas passam em cada lugar. Na primeira viagem, elas ficam uma temporada; na segunda viagem, passam dois meses; na terceira, passam três meses. Os espaços distantes e o crescente dos períodos de cada temporada fora do convívio dos conhecidos servem de metáfora para mostrar que há uma solidificação nos laços afetivos das duas.

Embora se perceba esta consolidação afetiva entre as duas, em nenhum momento as moças assumem o discurso do *ethos* homo-afetivo. É apenas com a tentativa de suicídio de Marcos que há uma referência explícita à relação homossexual das duas moças: “Helena acabara o casamento por causa de Lúcia” (REGO, 1993, p. 177). Esta frase, inserida entre os pensamentos de D. Mocinha e as várias vozes da comunidade da cidade do Cabo, não deixa claro quem a profere, mas demonstra que, pela primeira vez, é abertamente identificada uma relação homoerótica entre Lúcia e Helena.

A viagem para a Argentina provoca uma sequência de transformações com relação a estas duas personagens. Primeiro, o namorado de Helena tenta o suicídio. Depois há uma afirmação explícita do caráter homossexual da amizade das duas. E, por fim, temos a identificação de uma mudança na personalidade das duas jovens. O retorno da Argentina mostra uma nova Lúcia, mais amadurecida e com atitudes de quem está segura de si. A mãe percebe a mudança da filha e ainda enxerga a possibilidade de Lúcia ter algo para lhe contar. Já o comportamento recluso de Helena, identificado pela sua mãe, ganha mais destaque tão logo ela volta da Argentina.

Sob o ponto de vista seletivo múltiplo, o narrador traz para a sua narrativa os pensamentos de D. Mocinha, primeiramente, depois da própria Lúcia para aprofundar o relacionamento das duas jovens. Lúcia demonstra reconhecer o quanto Helena mudara seu comportamento por causa dela. Também ela reconhece que todos começam a ver as duas com olhares censuradores, todas as vezes que saíam para lugares públicos. Lúcia também demonstra insatisfação com o que tem tido de Helena. Ao que parece, Lúcia quer mais de Helena do que amizade, como se a relação homossexual ainda não tivesse sido efetivada: “Helena vivia para ela. Mas não se contentava com aquela amizade” (REGO, 1993, p. 196). Lúcia ainda procura se aproximar de rapazes, mas quem realmente a atrai é Helena: “Nada. Somente Helena era capaz de encher os seus dias vazios” (REGO, 1993, p. 195). Por fim, aparecem os pensamentos de Helena em relação a Lúcia. Helena demonstra que a sua vida gira em torno de Lúcia e assume também que terminou o noivado por causa de sua relação com a jovem. É Helena que afirma sentir amor pela outra: “Amava Lúcia, que para ela era mais que uma

irmã, mais que um namorado. Nunca amara em sua vida. Nunca fora capaz de empolgar por um homem. Agora sabia de fato que existia qualquer coisa que era mais que amor” (REGO, 1993, p. 198). Nas palavras de Helena, temos a confirmação de tudo o que, até aquele momento, seja na voz de D. Mocinha ou de D. Luísa, na voz de Lúcia, ou no silêncio dos outros familiares das jovens, era negado: o que atrai as duas moças é um desejo homoerótico. Mas é via mãe de Lúcia que o narrador nomeia a relação Lúcia/Helena: “Lúcia era tida como amante da filha do milionário” (REGO, 1993, p. 206). É na voz de D. Mocinha que aparece explicitamente a repreensão para a relação das duas jovens: “Para a senhora [d. Luísa] é a coisa mais natural desse mundo. Para mim, é uma pouca-vergonha, dona Luísa. Sua filha arrastou a minha para a desgraça, para a perdição” e “Levaram Lúcia para aquela vida de gente perdida” (REGO, 1993, p. 216). Como aparece uma identificação explícita da relação das duas jovens, surgem diferentes sujeitos questionando o grau de ligação de Lúcia e Helena. Há a carta anônima que Dr. Maфра recebe informando sobre a relação da filha Helena com Lúcia. Depois é o Dr. Leandro que levanta o caso de Helena.

Embora seja o comportamento amoroso mais questionado, é a união das duas moças a única que permanece inteira até o fim da narrativa, uma vez que todos os outros casais se desfazem, seja por falta de afinidade ou por morte. Ao que parece, José Lins do Rego, neste romance, elege como feliz a forma de amor mais criticada pelos outros personagens.

Duas outras referências a personagens homossexuais aparecem nos romances *Pedra bonita* e *Cangaceiros*, embora elas não sejam exploradas com densidade pela voz que conduz a narrativa. Elas são levantadas apenas por personagens para servirem como exemplificação para suas falas. Nos dois textos, o comportamento homossexual é visto como algo imoral e é vítima de punição.

Em *Pedra bonita*, a referência ao homossexualismo é levantada, via discurso indireto-livre, supostamente pelo personagem Joca Barbeiro. Numa tentativa de afastar Antônio Bento da amizade do cantador Deoclécio, a voz de Joca é usada para se referir a outro cantador que manteve relações sexuais com dois jovens. Eis o trecho:

Joca Barbeiro sabia de um cantador, daquele mesmo jeito, que chegara ao Limoeiro, com toda aquela goga de poeta. Deram lugar para o bicho dormir, chamaram-no para cantar nas casas dos grandes, encheram o homem de importância. E o que sucedeu foi uma desgraça. Dois meninos da cidade terminaram caindo na sedução do tal. O cabra se servia dos meninos como de mulher (REGO, 1986, p. 78).

Como ninguém na cidade, exceto Bento, gosta do cantador Deoclécio, a voz de Joca iguala o cantador com o caso de Limoeiro. É uma tentativa de menosprezar o outro, chamando-o, indiretamente, de pederasta. Na lógica de Joca, que representa a voz da população local, o desvio da normatividade heterossexual do cantador de Limoeiro, e consequentemente o de Deoclécio, tem que ser punido severamente: “Deram-lhe uma surra de botar sangue pela boca” (REGO, 1986, p. 78).

Em *Cangaceiros*, é o irmão de Antônio Bento, Domício, que traz o caso da morte de dois integrantes do grupo de Aparício que se mataram por um outro cangaceiro. A narrativa de Domício conta que:

Tinha lá [no bando] um tal Laurentino, rapaz branco, de calibre de tigre, um sujeito muito esquisito. Pois não é que esse cachorro deu para cair com os quartos! A princípio se amigou com o Teté e era uma amigação sem-vergonha. Aparício não se importava. Não havia mulher, o grupo estava parado, Laurentino podia servir de mulher-dama. Mas se deu que Teté só queria para ele. E ficava com o diabo no corpo quando via outro cabra se engraçando de Laurentino. Foi quando estourou a briga de Teté com João Patrício. [...] só acabaram quando não tinha mais sangue para correr (REGO, 1999, p. 39).

A história contada pelo irmão de Bento mostra que, dentro do sistema do cangaço, o comportamento homossexual é aceito apenas no caso da falta de mulher. Também é possível entender que apenas o passivo é visto de forma preconceituosa, como mostra a palavra “mulher-

dama” usada para se referir a Laurentino. Esta palavra é usada como sinônimo de prostituta em outras obras do autor. O castigo de Laurentino mostra que além de se desejar punir o cangaceiro por provocar a briga e a morte de dois companheiros, tem-se a necessidade de puni-lo principalmente por seus desejos homoeróticos. É o que mostra a forma como a ele se refere o capitão do grupo: “Filho da puta, tu vai pagar pelo fogo do teu cu” (REGO, 1999, 39). E é o que fica claro no modo como Vicente, o braço direito de Aparício, usa uma arma como pênis para violentar Laurentino: “[Vicente] Deu-lhe para mais de vinte furadas e levantou a bunda do homem e foi com a arma banhada de sangue e enfiou o punhal, lá nele, de cu adentro” (REGO, 1999, 39).

As relações homoeróticas na obra de José Lins têm duas vertentes, se considerarmos os agentes dessas relações. Quando se trata de homens, os relacionamentos homoeróticos são vistos como uma contingência de um determinado momento que faz com que um grupo de homens se isolem do convívio com mulheres, como no caso dos colégios internos, das prisões ou dos grupos de cangaços. Essas relações, na visão dos personagens ou dos narradores, são ocasionadas pelas necessidades momentâneas. Mas há, também, o caso dos que possuem um comportamento homossexual que não é causado pelo momento, sendo estes personagens identificados com a estereotipia do *ethos* homoerótico. Neste último caso, o personagem é identificado na figura do homossexual passivo e incorpora trejeitos e alcunhas do feminino. Quanto aos relacionamentos homossexuais envolvendo personagens do sexo feminino, eles são descritos ou encarados como vínculos de amizade. Não é explorado, ao se tratar das mulheres, o contato sexual explícito, mas as relações de proximidade e os vínculos afetivos que se formam entre as personagens. De forma também diferenciada, ocorre a nomeação das relações homossexuais que se criam entre homem-homem e mulher-mulher. Nestes textos, quando se fala das relações homo-afetivas masculinas, são usadas palavras como Sodomitá, Somitá para se referir ao homem que faz sexo com outro homem. Com relação às mulheres, não há uma palavra específica para tratar aquela que gosta do sexo com outra mulher, quando muito se usa a palavra Amante para se referir a uma das mulheres. Percebe-se também que as práticas homoeróticas são conhecidas por diferentes personagens, mas pouco ou nada é discutido entre os personagens sobre esse assunto. Fala-se em surdina, comenta-se por alto, critica-se, mas eles não conversam sobre o tema levantando um posicionamento aberto. Esta esfera do desejo surge comumente do que não é dito, se constituindo sob o status de inominável, dado ao seu caráter de ilegalidade, ou, como identifica a mãe de uma das lésbicas de *Água-mãe*, como “uma história monstruosa” (REGO, 1993, p. 176).

Referências Bibliográficas

- MARQUES JR., Milton e MARINHEIRO, Elizabeth. *O ser e o fazer na obra ficcional de Lins do Rego*: dicionário dos personagens. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- _____. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- _____. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- _____. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- _____. *Pedra bonita*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1986.
- _____. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1999.